

PROVOCAÇÕES

Quando os marcianos desceram a avenida 5 de Outubro

A Dona Graciete compreendeu finalmente que a Senhora Ministra estava ocupada ao telefone, deixando pois de a massacrar directamente. No entanto, a alternativa que escolheu foi ainda pior. Puxando pelo braço frágil de Vanessa, com a sua manápula imponente, que mais parecia uma tenaz, transferiu para a Secretária da Senhora Ministra a direcção dos queixumes. Só que a Dona Graciete era uma daquelas pessoas que murmuram mais forte do que falam: ao pretender sussurrar “discretamente” as razões da sua fúria, encheu a sala com os requebros da sua voz roufenha. E a Senhora Ministra já precisava de gritar para se fazer entender ao seu próprio telefone.

Como se a restante gritaria não fosse suficiente, Vanessa, por cima do insuportável ruído ambiente – enquanto a Dona Graciete lhe berrava ao ouvido e a própria Senhora Ministra, esbaforida, procurava apressadamente acabar a já longa conversa telefónica com o seu homólogo – esforçava-se agora por transmitir ao seu superior o que o engenheiro informático lhe dissera do outro lado do seu fio! Era medonho, era patético, era uma verdadeira feira!

António sentiu-se a mais naquele lugar. Pareceu-lhe, de súbito, que nada tinha a ver com aquelas personagens pitorescas que se agitavam febrilmente à sua frente, dir-se-iam marionetas de um artista pouco talentoso... Levantou-se, sobraçando os seus pobres *dossiers*, e caminhou para a porta com uma expressão de lassidão no rosto. Expressão que durou tão-só alguns segundos, pois depressa se transformou em estupefacção. Com efeito, António Gusmão acabara de enxergar, do lado de fora da janela (e estava-se num quinto andar) dois tubos grossos, quais duas antenas bizarramente

esverdeadas, com luzinhas nas pontas, a mexerem, a roçarem nos vidros.

Por poucos momentos, o cenário fixou-se nestas posições, numa espécie de introdução a todos os acontecimentos rocambolescos que iriam desencadear-se: a sala imersa numa enorme anarquia, com os actores menores alheios ao drama que se vivia junto àquela janela, onde António, petrificado, seguia as antenas que, como que hesitantes, avançavam e recuavam no exterior da janela. Este intervalo de tensão desfez-se brutalmente quando a janela foi estilhaçada com estrépito e um estranhíssimo objecto, com as antenas à frente, pingando água e pisando os cacos de vidro disseminados no soalho, penetrou desajeitadamente no gabinete.

A configuração da coisa era incrível, quase grotesca. Teria um metro e meio de altura. Era verde, um verde metálico, brilhante e aparentemente viscoso. Era gorda, qual saco de batatas, com duas membranas espalhadas uma para cada lado, a servirem de pés, e uma espécie de cabeça, espalmada, terminando nas tais antenas enormes, com duas bolinhas luminosas nos extremos. O brilho que irradiava do corpo, muito estranho, muito forte, fazia doer os olhos. O todo resultava insólito, deselegante, desconfortável. Aliás, António preferiria que tudo aquilo fosse um sonho mau, do qual sairia com muito prazer.

Como que por encanto, a completa desordem que havia pouco imperava no local cessou, congelada pelo espectacular aparecimento do intruso esverdeado. Todos os comparsas presentes, alarmados pelo violento estilhaçamento da janela, encaravam o objecto andante sem proferir ma palavra. Os únicos sons que se ouviam provinham de dois telefones, que a Senhora Ministra e Vanessa maquinalmente